

## VERSOS DE REABRIR

por Gio de Oliveira, em diálogo com as obras das  
categorias Teatro na Escola e Escola de Teatro, na  
modalidade Criações de Minuto do Festival Estudantil de  
Teatro de Belo Horizonte - FETO BH, 2022

“Janela, palavra linda.

Janela é o bater das asas da borboleta amarela.

Abre pra fora as duas folhas de madeira à-toa pintada,

janela jeca, de azul.

Eu pulo você pra dentro e pra fora, monto a cavalo em você,  
meu pé esbarra no chão.

Janela sobre o mundo aberta, por onde vi

o casamento da Anita esperando neném, a mãe

do Pedro Cisterna urinando na chuva, por onde vi

meu bem chegar de bicicleta e dizer a meu pai:

minhas intenções com sua filha são as melhores possíveis.

Ô janela com tramela, brincadeira de ladrão,

claraboia da alma,

olho do meu coração.”

PRADO, Adélia. Janela, in Bagagem, p.103, 1993

Com muita alegria  
e alguma ansiedade,  
sou convidado a mover  
algumas ideias acerca  
das categorias  
Escola de Teatro  
e Teatro na Escola,  
na programação do FETO BH 2022.

Me refiro aos trabalhos  
na modalidade  
Criações de Minuto  
das referidas categorias

respectivamente.

Impressionado com a poesia  
emanada vivamente  
de seus intérpretes,  
dedico tortos versos à sua homenagem,  
Atrizes, Atores, Performers, Artistas  
do exercício infindo da criação em arte...  
De obras cênicas  
permeadas por multilinguagens  
desejo uma multi crítica  
que deslize pelas formas todas  
para provocar e excitar diálogos.

Digo alegria,  
do instante concentrado,  
do momento expectado  
À cena aberta,  
troca sempre sensível  
de algo antes inexecuível  
mas que se apresenta agora,  
aqui,  
pra mim e comigo,  
conosco.

Digo ansiedade,  
da relação sempre caótica  
de instâncias instáveis  
que evocam os encontros  
via internet...  
E sei que quem se mete  
a navegar por essas ondas,  
vai trafegar intensos estímulos,  
emergir e submergir

os algoritmos...

Movo então as ideias  
que esbarram em mim  
porque antes movidas,  
avistadas pela janela  
que vai dar no ciberespaço  
lá pra baixo do fim que não tem,  
a tela rolada dos abismos do instagram...  
Entre posts e designers  
me posto alerta  
a beira da janela  
da tela de um smartphone...

Encaro meu San Marino  
ao alcançar a cena Marlboro  
velejada por Lua Costa  
de São Luís do Maranhão  
para passar por todas as encostas  
e continentes da rede...

Marlboro é um tratado,  
uma teoria de revisão do amor...  
Tese e antítese  
das incógnitas  
que permeiam o universo da artista,  
salto ao desconhecido,  
ao sentido...

Observadora da vida e de seus seres  
Lua Costa erige em imagens,  
incandescentes formas  
que serão as rochas novas  
dos novos mundos que cria para si

e os habita de sentidos..

Feridas que doem e que se sentem.  
Poética que arde sem se ver,  
E se vendo sem se ver  
vendo...

Um dia inteiro  
passadas essas meditações,  
entregue a rumações  
que o teatro vive a trazer pra gente,  
retorno ao beiral da janela  
que vai dar no ciberespaço  
lá pra baixo do fim que não tem,  
a tela rolada dos abismos do instagram...  
Entre posts e designers  
me posto alerta  
a beira da janela  
da tela de um smartphone...

Se caio desta janela,  
caio pra dentro?  
Ou caio para fora?  
Fora de mim, dentro de lá?  
O que se emana aqui  
não se encerrará.  
Reverbera, caminha no ar...

Nesse ponto da discussão  
esgueiro Limiar...  
Exercício intrigante  
e de fina safra  
da seara da artista  
Gabriella Seabra...

Chá e chão,  
xícara e bule...  
Em Belo Horizonte  
roça as cascas da sintaxe,  
na construção  
de visual texto  
aqui dito performance...

Desempenho de ações,  
experimento de textos,  
tessituras...  
Diálogo com ecos,  
texturas,  
jogo de luz e afetação...  
Gabiella diz indizíveis,  
desata nós na garganta.

Passada uma lua no céu,  
como computador e secretário  
me posto ao mesmo horário  
diante da janela  
que vai dar no ciberespaço  
lá pra baixo do fim que não tem,  
a tela rolada dos abismos do instagram...  
Entre posts e designers  
me posto alerta  
a beira da janela  
da tela de um smartphone...

Como quem pula  
no sem fim  
do que pode vir a ser  
a interpretação de algo,

encontro Lucy Pina em  
Mergulho Descalça...

Assim como Florianópolis,  
ao mesmo tempo  
ilha, continente  
e cidade,  
Lucy Pina manipula ideias de águas...  
Águas profundas,  
águas que forjam,

Águas...  
Em sua una diversidade...

Força amniótica,  
Invólucros e rompimentos...  
As possibilidades do circo,  
suas histórias...

Sonoridades cósmicas  
trilham os malabares de Sérgio Pina...

Respeitável público!  
Há respeito em suas relações?

A pergunta acima,  
a que também me faço,  
me recorda dito antigo  
propagado antes  
por queridos entes:  
“Se bosta de pinto não é pipoca,  
focinho de porco não é tomada!”,  
uma vez que uma coisa  
é uma coisa,

outra coisa  
é outra coisa,  
o que se diz  
é o que se fala,  
e o que não se grita,  
não quer dizer que se cala...

Voava por entre essas aflições  
quando me ocorreu que  
o encontro de dois  
na pólis,  
é sempre político...

Não poderia  
deixar de ser,  
portanto,  
aquilo que se fala,  
política..  
Como o que se fala,  
o que se pensa...  
Toda discursividade é política...  
Sua prima-irmã, a crítica,  
Pergunta e resposta  
a bailar no amplo  
do espaço do contraditório...

É nessa altura que retorno  
ao mesmo ponto  
que vai dar no ciberespaço  
lá pra baixo do fim que não tem,  
a tela rolada dos abismos do instagram...  
Entre posts e designers  
me posto alerta  
a beira da janela

da tela de um smartphone...

É daqui que ouço,  
ouço bem,  
vejo com todo o corpo  
a obra Provérbios Politikos  
de Mariana Lima Madeira,  
artista insular  
de São Luís do Maranhão  
para todas as encostas  
e continentes da internet...

E se Maria tivesse voz,  
o que diria?  
Através de Mariana,  
quem fala é Maria...

Em rítmica e mística precisas,  
tece profunda análise da conjuntura...  
Que velho trapaceiro!  
Esconjura...  
Ao manipular máscara  
trama denúncias,  
inspira manifesto!

É manifesta aqui  
a potência da elaboração do texto...  
Mariana lima a hipocrisia,  
empurra, fricciona as fraquezas  
dos discursos fascistas,  
bate com a madeira forte da dramaturgia,  
nas ideias caducas  
de dominação e tristezas...

Maria fala,  
mas você ouviu?  
Ouvimos Maria?

Buscava sintonizar  
meus ouvidos  
para os chamados do mundo  
quando a terra girou  
suas vinte e quatro horas  
e me vi naquela mesma posição  
que vai dar no ciberespaço  
lá pra baixo do fim que não tem,  
a tela rolada dos abismos do instagram...  
Entre posts e designers  
me posto alerta  
a beira da janela  
da tela de um smartphone...

Ali que é aqui e também acolá,  
eu te ouço Dhan Lopes,  
busco ser solidário em sua agonia.  
O vermelho da sua performance  
acende os alertas que carecem  
para acordar a humanidade..

Humanidade  
não esse povo todo,  
mas o que há de humano  
em todo o povo...  
Boca, ouvido, nariz,  
quem indaga  
questiona a força motriz  
dos algoritmos que nos confundem.  
Exata dicção

e a maestria  
da mais fina poesia  
nos convida a pensar  
aquilo que é dito de boca pra fora  
para então valorar  
o que sentimos da pele pra dentro...

É tão mais fácil falar  
que ouvir...  
Invertemos a ordem dos processos  
e apreciemos o trocar...  
Ver através da janela  
e se deixar impressionar...  
Conferir as belezas do dia,  
viver a noite,  
bem se afetar...

Vejamos pela janela  
que vai dar no ciberespaço  
lá pra baixo do fim que não tem,  
a tela rolada dos abismos do instagram...  
Entre posts e designers  
me posto alerta  
a beira da janela  
da tela de um smartphone  
para saudar os movimentos  
das Escolas de Teatro,  
sempre pela história  
a entregar no ato,  
a razão de sua memória:

criar, formar, devir e ser...  
Força tal que se emana  
quando o teatro também

vai a escola  
e ali desenrola a sutileza  
de sua revolução...

Que mesmo por através  
das janelas que vão dar  
no ciberespaço  
lá pra baixo do fim que não tem,  
a tela rolada dos abismos do instagram,  
possamos encontrar alívio,  
e reunir forças para

mover ideias,  
reorganizar os ritos,  
refazer a cena,  
reaver o diálogo,  
refundar a humanidade,  
reabrir o sensível...